

Dicionários em sala de aula: como aproveitá-los bem

Guilherme Fromm

dicionário: substantivo masculino. Rubrica: lexicologia. Compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencional, ger. alfabética, e que fornece, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. ou, pelo menos, alguns destes elementos [A tipologia dos dicionários é bastante variada; os mais correntes são aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua.]

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa

Introdução

Os dicionários são ferramentas antigas nas áreas de tradução e ensino. Uma das tarefas básicas do professor de ensino fundamental e médio é instrumentalizar seus alunos no uso dessas ferramentas, torná-los capazes de aumentar seu léxico e consultar suas dúvidas sempre que necessário. Os estudantes do ensino superior também sentem a necessidade de trabalhar com dicionários, embora com obras mais específicas.

Postos esses fatos, chamo à atenção um grave problema que pude verificar em vários anos como professor de ensino de línguas e tradução: poucos (incluindo professores e alunos) sabem tirar bom proveito de um dicionário. De um modo geral, o processo de consulta às obras é deficiente, e o potencial de descobertas que elas proporcionam é freqüentemente desperdiçado. Proponho, portanto, neste artigo, que aprendamos um pouco sobre essa ferramenta.

Dicionários, vocabulários e glossários

Há uma certa confusão reinante, especialmente por parte das editoras, sobre o que seja um dicionário. Essa confusão se estende sobre os especialistas das áreas afins: Lexicógrafos, Lexicólogos, Terminólogos e Terminógrafos. Antes de continuarmos, convém entendermos alguns termos:

- lexicologia: estudo do léxico, teoricamente todas as palavras existentes em uma determinada língua, e procedimentos de como analisar esse léxico;
- lexicografia: o estudo sobre a construção de obras lexicográficas (dicionários, por exemplo) e como executá-las;
- terminologia: estudo de um léxico específico de uma área técnica, representando um corte no léxico geral da língua, e procedimentos de como analisar esse léxico;
- terminografia: estudo sobre a construção de obras terminológicas (vocabulários e glossários) e como executá-las.

Existem várias teorias para classificar obras que se encaixam na denominação geral de dicionários. Optamos, entretanto, pela classificação proposta por Maria Aparecida Barbosa (2001) e aqui resumida (FROMM, 2002, p. 23):

Dicionário	Vocabulário	Glossário
<i>Nível do sistema</i>	<i>Nível da norma</i>	<i>Nível da fala</i>
Trabalha com todo o léxico disponível e o léxico virtual	Trabalha com conjuntos manifestados dentro de uma área de especialidade	Trabalha com conjuntos manifestados em um determinado texto
Unidade: lexema (significado abrangente; frequência regular)	Unidade: vocábulos/termos (significado restrito; alta frequência)	Unidade: palavras (significado específico; única aparição)
Apresenta (teoricamente) todas as acepções de um mesmo verbete	Apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade	Apresenta uma única acepção do verbete (dentro de um contexto determinado)
Perspectivas: diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática	Perspectivas: sincrônica e sinfásica	Perspectivas: sincrônica, sintópica, sinstrática e sinfásica

O que normalmente usamos em sala de aula (como uma aula de português, por exemplo) é o dicionário, obra com caráter generalista e que *teoricamente*¹ apresenta todo o léxico disponível dentro de um sistema lingüístico.

Vocabulários e glossários (que as editoras insistem em denominar dicionários, talvez com o intuito de prestigiá-los e vender mais) têm um uso mais restrito na sala de aula: ensino de língua instrumental e aulas de tradução são os destinos mais prováveis.

Os dicionários, basicamente, dividem-se em duas categorias:

- onomasiológicos: a composição das entradas se dá através de agrupamentos de assuntos, matérias ou conceitos. Portanto, a entrada parte do significado para o significante. Como exemplos, temos os dicionários pictóricos, ortográficos, de formação das palavras, de construção e regime (valência), de colocações, de dúvidas e de sinônimos. Esses dicionários são particularmente úteis nas aulas de produção textual;
- semasiológicos: a composição das entradas é apresentada em ordem alfabética. A microestrutura parte do significante para o significado. Encaixam-se nessa descrição os dicionários de fraseologia, modismos, refrões, neologismos, históricos e os dicionários de língua em ordem alfabética, os mais comuns. Todos bastante úteis nas aulas de leitura.

As obras podem apresentar também um caráter prescritivo (especialmente obras voltadas para estudantes) ou, na grande maioria, descritivo, contentando-se em mostrar o uso dos vocábulos.

Quanto à língua, dividem-se em monolíngües (como um dicionário geral de uma língua determinada) ou plurilíngües (destacando-se aí os dicionários bilíngües para aprendizagem de idiomas e os dicionários multilíngües técnicos).

A estrutura de um verbete

¹ Enfatizamos a palavra *teoricamente* porque nenhuma obra apresenta **todo** o léxico de uma língua: há sempre um recorte, tendo em vista o tamanho físico da obra. Isso sem contar os *neologismos*, que são novas palavras ou novos sentidos para palavras já existentes, que surgem a toda hora.

Os dicionários são compostos de três grandes estruturas: a macroestrutura, a microestrutura e o sistema de remissivas.

A macroestrutura é representada por uma seleção de palavras existentes na nomenclatura². O princípio mais importante na ordenação da macroestrutura, segundo HAENSCH (1982, p. 452), é a ordem alfabética das entradas. Numa obra terminológica, é possível também a ordenação por família de palavras, de modo que a primeira (um lema) é seguida por suas derivações. Existem várias possibilidades de levantamento da macroestrutura, desde a cópia de outras obras lexicográficas/terminológicas, passando por opiniões de especialistas sobre o que deveria compor essa nomenclatura, até uma obra que apresente todos (ou um número determinado) os verbetes baseados na frequência com que apareçam dentro de um *corpus*³ (de especialidade ou não).

A microestrutura representa, a grosso modo, a definição da palavra. ANDRADE (2000) nos apresenta a microestrutura através do *enunciado lexicográfico* (EL), que se compõe de três macroparadigmas:

- Paradigma Informacional (PI): constituído de abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, etc. Ainda segundo HAENSCH (1982, pp. 480-501), teríamos aqui também as diferenças ortográficas, cronológicas e geográficas, a etimologia, níveis de estilo e conotações, atribuição a uma matéria ou especialidade, marcas registradas, denominações oficiais;
- Paradigma Definicional (PD): descrevem-se os semas ou unidades de significação; e a definição do verbe em si;
- Paradigma Pragmático (PP): contém informações contextuais como exemplos e abonações. HAENSCH (1982, p. 470) subdivide esse conceito entre parte sintagmática (colocações e fraseologia) e/ou parte paradigmática (sinônimos, antônimos, parônimos e hipônimos).

² A nomenclatura representa todas as palavras existentes em uma língua.

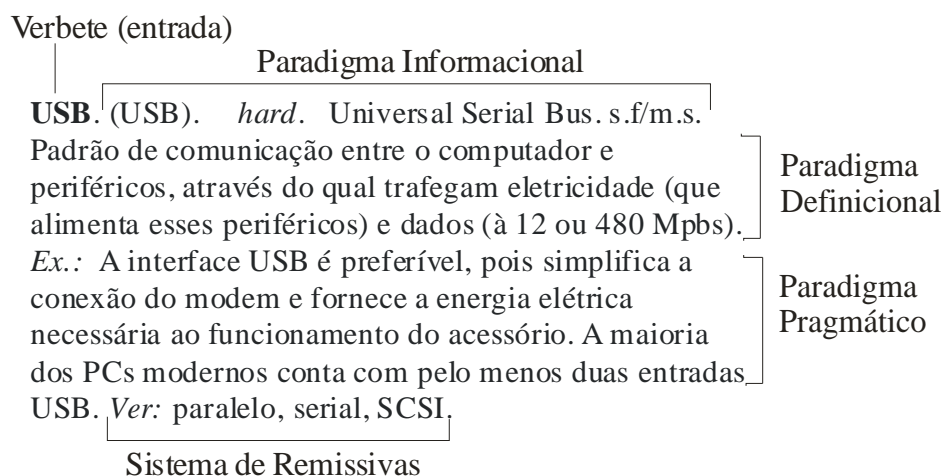
³ Conjunto de textos (orais ou escritos) selecionados como uma amostra representativa da língua ou de uma área de especialidade.

Existiria, ainda, um paradigma comum em dicionários bilíngües:

- Paradigma de Formas Equivalentes (PFE): fornece a tradução do verbete.

As remissivas são as relações, traçadas dentro da obra lexicográfica/terminológica, entre os termos, mantendo a coerência semântica dessa⁴. Segundo BACELLAR (2002, pp. 106-107), as remissivas corrigem o isolamento das mensagens no nível da microestrutura (reconstruindo seu campo semântico) e reúnem entradas equivalentes (sinônimos) no nível da macroestrutura. Elas seriam um tipo de “ricochete de informação” (citando FAULSTICH, 1990), formando a rede estrutural junto com as macro/microestruturas.

Exemplificamos, a seguir, a estruturação de um verbete (ou entrada) proposta por FROMM (2003, p.67)



A entrada é a sigla *USB*. Como paradigma informacional temos (na seqüência): forma mais comum, subárea (dentro da área de informática), forma por extenso, categoria gramatical (substantivo), gênero (masculino ou feminino) e número (singular); o paradigma definicional apresenta, neste caso, somente uma definição⁵; o paradigma pragmático indica uma exemplificação para a definição proposta; o sistema de remissivas mostra, dentro do campo semântico do verbete, palavras relacionadas.

⁴ Esse tratamento permite que a obra atue, ainda que parcialmente, no nível onomasiológico.

⁵ Quando os dicionários apresentam mais de uma definição, chamamos estas de *acepções* (geralmente numeradas). O paradigma pragmático pode ser encaixado em cada acepção diferente.

Como escolher um bom dicionário

A escolha de um dicionário, por parte da escola, do professor ou do aluno, passa por vários critérios. O primeiro, geralmente, é o preço do mesmo. Depois vem o tamanho do livro, a fama de quem o escreveu, a editora, a facilidade de encontrá-lo, etc. Todas essas questões podem ser deixadas de lado se nos preocuparmos com os detalhes que realmente fazem diferença na qualidade da obra:

- Os dicionários mais modernos devem ser baseados em *corpus*. A composição da macroestrutura obedece ao preceito da frequência com que as palavras aparecem dentro desse conjunto de textos⁶. A construção da microestrutura e do sistema de remissivas segue as definições (implícitas ou explícitas) apresentadas dentro desse *corpus* para todas as palavras;
- a apresentação de um dicionário deve ser clara. É sensato desconfiar de dicionários que vão “direto ao ponto”, ou seja, que já começam a apresentar a lista de palavras. Uma apresentação explicitada (como nos dicionários gerais de língua), detalhando a construção interna da obra, evidencia a preocupação do autor ou da editora com a qualidade da mesma;
- a coerência interna do dicionário é relevante. Todas as palavras que servem como definição de um verbete devem constar de um dicionário geral de língua. É muito comum encontrarmos dicionários cujas definições apresentem palavras que não constam no mesmo. Muitos não apresentam, ainda, um sistema de remissivas, essencial para que possamos ir além, para que possamos aprender mais.

É necessário esclarecer, entretanto, que não existe obra lexicográfica perfeita. Todas estão sujeitas a erros, mesmo que tenham sido produzidas sob um rigoroso processo de seleção, composição e inter-relação de palavras. De um modo geral, selecionar um bom dicionário significa escolher a obra que apresenta menos problemas.

Dicionários de língua estrangeira

⁶ Ou seja, se queremos construir um dicionário de 5.000 palavras, provavelmente escolheremos as 5.000 palavras mais frequentes da língua. Essa frequência pode ser facilmente verificada dentro do *corpus* através de programas de análise lexical.

Podemos trabalhar, em sala de aula, com dicionários bilíngües ou monolíngües. Os primeiros são indicados para alunos iniciantes, os outros para alunos de nível mais avançado. Os cuidados na seleção da obra devem obedecer aos parâmetros acima estabelecidos.

Muitos desses dicionários (especialmente os monolíngües) já vem com CD-ROM. Isso possibilita ao aluno, além da consulta, ouvir o verbete desejado. Além de facilitar o trabalho do professor em sala de aula, acaba por aguçar a curiosidade do aluno, fazendo com que progrida mais rápido na aprendizagem do idioma.

Quando não usar dicionário

Devemos ter em mente que o dicionário é uma ferramenta auxiliar no processo de ensino. Essa ferramenta, entretanto, nem sempre deve ser usada. Quando avaliamos o aluno por meio de uma redação, desejamos verificar, entre outras coisas, a quantidade de itens lexicais de que o mesmo dispõe. Se o deixarmos usar dicionário, essa verificação não será possível.

Uma aula de língua instrumental para leitura também representa uma armadilha quanto ao uso do dicionário. Nesse tipo de ambiente são ensinadas técnicas que descartam o uso do mesmo. Ceder às pressões (inevitáveis) dos alunos para usá-lo pode resultar numa perda total dos objetivos propostos.

Concluindo

Os dicionários só se mostram uma ferramenta útil, dentro ou fora da sala de aula, se o consulente souber como usá-lo. Analisar e estudar uma obra antes de indicá-la os alunos são atividades necessárias. Não se deve esperar grandes resultados por parte deles se o próprio professor não souber como transmitir a estrutura e funcionamento da obra.

A perfeita (ou mais próxima disso) compreensão por parte dos alunos abreviará o tempo de consulta a essa ferramenta auxiliar no ensino de língua e, acima de tudo, os instrumentalizará, durante toda a sua vida fora da escola, a usá-la sempre que necessário.

Bibliografia

ANDRADE, M.M. *Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades*. In: SILVA, José P. da (Org.). **Semântica e**

Lexicografia. IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000.

BACELLAR, F. **Elementos para a Elaboração de um Dicionário Terminológico Bilingüe em Ciências Agrárias.** Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

BARBOSA, M. A. *Dicionário, vocabulário, glossário: concepções.* In: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil.** 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FROMM, G.. **Proposta para um modelo de glossário de informática para tradutores.** Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

HAENSCH, G. *Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios.* In: ETTINGER, S. et alii. **La lexicografía. De la lingüística teórica a a la lexicografía prácticta.** Madrid: Gredos, 1982.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.